

09/04/2019

## Pode não ser comunismo nem socialismo, mas, com certeza, capitalismo NÃO é

**Fabrizio Fávasch Rodriguez**

[Ativista Social e Sindical. Observatório do trabalho latino-americano]

Daqui de Roraima, onde passo algumas semanas, enviado pelo Observatório Latino, acompanhando o fluxo de trabalhadores venezuelanos, tenho me dado a pensar. O “socialismo bolivariano” não é a razão do êxodo. Nem de perto socialismo houve. As elites venezuelanas, como de resto em toda a América Latina, sequer foram arranhadas em sua prepotência encruada de classe superior endinheirada, capitalista, pois. O capital venezuelano, monopolista e alicerçado no lastro do petróleo, com mínima diversidade de seu modelo de produção, incapaz de estruturar uma sociedade econômica mais plural e distributiva é a causa do êxodo. O “capitalismo bolivariano” é a razão do êxodo. O Brasil fez algo parecido: turbinou as elites endinheiradas, especialmente vinculadas ao rentismo (do capital financeiro), e deu no impeachment.

Militares no Brasil fora do butim ajudaram a eleger Bolsonaro. Militares na Venezuela dentro do butim sustentam Maduro. Continuo a pensar.

Para aprimorar meu pensamento fui na Orla Taumanan (paz na língua macuxi). O Rio Branco, que tem seu nome pelo contraste de suas águas com o Rio Negro, é a alma molhada de Roraima. Não cheguei a pesquisar se Roraima teria uma alma seca.

Por uma manobra do inexplicável, o garçom que me atendeu era venezuelano. Chegara há seis meses e estava feliz. Não sorria na boca, sorria nos olhos. Alejandro (acho que é assim) me disse que resolveu sair da Faculdade de Odontologia porque estava perto de se formar e não vislumbrava perspectivas de conseguir emprego e ganhar dinheiro. Sua mãe que continua em Maracay lhe deu apoio e disse: *Vaya, hijo mío, y venga a buscarme y su hermana*. Meia hora de conversa entrecortada pelos atendimentos de Alejandro me deram a certeza de que a Venezuela havia se transformado num “capitalismo bolivariano”, razão do êxodo. O simpático menino de 23 anos tinha nos olhos o sorriso do capital e, na boca, a sua comprovação: *Estoy seguro de que voy a ganar mucho dinero. De aquí voy a Sao Paulo y luego voy a Miami o Nueva York*. Falar de alienação, hoje, - a velha linguagem marxista -, não é só estar fora de moda, é falar de lobo mau e chapuzinho vermelho.

O que o capitalismo neoliberal pós-moderno fez com as mentes das gentes foi disparar um petardo de nêutrons nas almas de todas as gentes.

Como se sabe, a bomba de nêutrons é aquela que destrói apenas os organismos vivos, mantendo as demais estruturas intactas. O que o capital faz hoje é isso: destruir a alma viva das pessoas e deixar-lhes a carcaça de seres cada vez mais subordinados.

E, para isso, conta com o oportuno auxílio do fundamentalismo religioso. Tudo bem que os séculos não mudaram muito os cenários que estão aí atualmente postos, mas convenhamos, se os tempos não mudaram então porque se mudaram os tempos? Não é por acaso que o petardo capitalista de nêutrons sobre as almas das gentes vem acompanhado de um discurso religioso conservador.

É o destroçamento total das almas das gentes para que tudo volte a ser como desejavam os sombrios donos do poder da Idade Média e da Inquisição Cristã.

O capitalismo, esse que vigora, demorou algumas dezenas de anos mas achou seu predileto parceiro – o fundamentalismo religioso – combinação perfeita!

O Islã, com destaque para a Arábia Saudita, já achou a fórmula quase perfeita. A Turquia vem tentando. E na esfera do cristianismo, os EUA também tenta.

O Brasil, em poucos meses, já exagera na tentativa junto ao neopentecostalismo.

E, nessa onda, “capital e fé”, muitos países vêm ensaiando suas distintas formas de destroçar as almas das gentes. Continuo minha conversa com Alejandro, acho que exagerei na caipirinha, para ouvi-lo.

*Con el socialismo de Bolívar avanzamos un poco, pero los privilegios para los dirigentes eran vergonzosos, la miseria disminuyó un poquito, pero la violencia creo que ha aumentado*. O Rio Branco, a essa altura, já turvo, me fez pensar no quanto, nos últimos anos, na Venezuela e, principalmente, no Brasil, um também

fundamentalismo político, da esquerda, dogmático, intransigente e não autocrítico passou a ser o contraditório, o antagonista e o adversário ideal desse “capitalismo associado à fé” avassalador, ou seja, o parceiro às avessas, o *sparring*, o inimigo (fragilizado) a ser combatido (e vencido). Pensei com meus botões: *“não posso fazer uma análise de conjuntura a partir da fala de um.”* Afinal, eu estava em Roraima para entender a dinâmica da força de trabalho temporariamente lá fixada e como os trabalhadores viam a transição dolorosa da migração para conseguir trabalho. Comparações, conjecturas. Pedi a conta.

Eu ainda ia pegar o barco de volta, de Taumanan, e um jantar com amigos sindicalistas me aguardava.

Assim que paguei a conta, Alejandro me estendeu a mão e falou: *Muchas gracias. En Maracay, en la Facultad, en los últimos tiempos ya no se podía conversar. Socialismo de Bolívar no más. Ahora estoy con Jesús*. Não sei se efeito do álcool, balanço do barco ou abalo sísmico de minhas convicções socialistas, na minha cabeça só vinha uma frase:

PODE NÃO SER COMUNISMO NEM SOCIALISMO, MAS, COM CERTEZA, CAPITALISMO NÃO É. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*